

“QUEM VOCÊS DIZEM QUE EU SOU?”:
A IDENTIDADE TRINITARIANA DE JESUS CRISTO
Dick O. Eugenio, Seminário Teológico Nazareno Asia Pacífico

“Quem vocês dizem que eu sou?” Esta questão proposta por Jesus aos seus seguidores continua sendo uma das mais importantes questões da decisão humana e da vida. É uma questão que todo seguidor—e futuros-seguidores—precisam responder de forma pessoal. A severa repreensão de Jesus sobre a má-compreensão que Pedro teve a respeito do Messias (Marcos 8:33) exemplifica que nossa resposta a esta questão tem ramificações radicais sobre quem somos, o que fazemos e como nos relacionamos com Jesus. Uma rápida pesquisa da literatura disponível revela uma infinidade de respostas concorrentes a esta questão de todos os tipos de pessoas e comunidades. Muitos ainda parecem testar a paciência de Jesus ao propor múltiplas Cristologias que soam semanticamente precisas— usando jargões populares e aceitáveis para a igreja— mas são errôneas na elucidação.¹ É aí que a distinção de Bruce McCormack entre cristologia *formal* e *material* é útil.² Embora muitos falem sobre Cristo no nível formal, o conteúdo material desses discursos de Cristo varia de um para o outro. O cerne da questão é: "Quem é o Jesus do nosso discurso de Cristo? Ele é o Cristo dos Evangelhos ou um Cristo formado a partir de nossa própria imaginação?"³

¹ James R. Edwards, “Who Do Scholars Say that I Am?” *Christianity Today* 40 (1996): 14-20; Eric Miller, “Who Do Your Books Say that I Am?: New Volumes Tell Us About our Lord and our Cultural Moment,” *Christianity Today* 51 (2007): 38-41; Raymond Brown, “Who Do Men Say that I Am: Modern Scholarship on Gospel Christology,” *Perspectives in Religious Studies* 2 (1975): 106-23; Ann Christie, “Who Do You Say I Am: Answers from the Pews,” *Journal of Adult Theological Education* 4 (2007): 181-94; Cham Kaur-Mann, “Who Do You Say I Am: Images of Jesus,” *Black Theology* 2 (2004): 19-44; and Byron L. Sherwin, “Who Do You Say I Am? (Mark 8:29): A New Jewish View of Jesus,” *Journal of Ecumenical Studies* 31 (1994): 255-267.

² Bruce McCormack, *Karl Barth’s Critically Realistic Dialectical Theology: Its Genesis and Development 1909-1936* (Oxford: Clarendon, 1997), 453-4.

³ See Dick O. Eugenio, “Christ-centered Preaching in the Postmodern World: Problems, Challenges, and Suggestions,” *Torch Trinity Journal* 17 (2014): 214-28.

Christ of the Gospels

Antes de discutir a identidade pessoal de Jesus, algumas observações honestas precisam ser postas em prática. Toda elucidação de Cristo é guiada por um conjunto de critérios não temáticos ou salientes. Este artigo não é uma excessão. Eu gostaria de destacar alguns dos critérios já estabelecidos para a cristologia bíblica e ortodoxa que são importantes neste artigo.⁴ Além da fidelidade bíblica, primeiro, a identidade pessoal de Jesus deve estar localizada na matriz de relacionamentos. Os Evangelhos não apresentam um Cristo individualista ou separado. De fato, Jesus é referido como "Jesus de Nazaré" (João 18: 5), "filho de José" (João 1:45) e "o Santo de Deus" (Marcos 1:24). A identidade pessoal de Jesus não é uma questão de ser como tal mas estar com alguém. Portanto, em segundo lugar, a identidade de Jesus deve ser concebida de forma trinitária. Como pessoa, Jesus deve ser conhecido em relação ao Pai e ao Espírito Santo. Aprendemos isso das recentes propostas trinitárias para ir além das abordagens substanciais em favor dos entendimentos baseados na comunhão da Trindade.⁵ Finalmente, a identidade pessoal de Jesus deve ir de encontro às exigências da vida humana. Uma visão relacional-trinitária de Cristo oferece informações ricas sobre nossa própria identidade e convocação cristã. Isto é especialmente verdadeiro para nós, ministros, que querendo admitir ou não, formam as nossas identidades ministeriais com base no nosso conhecimento bíblico-teológico. À luz dos três critérios acima, este artigo propõe que deveríamos responder a pergunta "Quem você diz que eu sou?", Da seguinte maneira: Jesus é o Filho obediente do Pai e o humano dependente no Espírito Santo.

⁴ See for example Roger Haight's list in "The Case for Spirit Christology," *Theological Studies* 53 (1992): 259-61; and Myk Habets, "Spirit Christology: Seeing in Stereo," *Journal of Pentecostal Theology* 11 (2003): 199-203.

⁵ See Bruce D. Marshall, "Trinity," in *Blackwell Companion to Modern Theology* (ed. Gareth Jones; Oxford: Blackwell, 2004): 183-203.

O Filho Obediente do Pai

Jesus viveu na terra como o Filho obediente do Pai que o enviou (João 6:38; 20:21). Como afirmou Richard W. Daniels, "a obediência do Filho como demonstrada na economia da salvação tem sua origem nesse Seu último status eterno como o Filho do Pai."⁶ A obediência de Jesus é uma obediência de iguais. Quando Paulo se referiu à obediência de Jesus até morte, "até mesmo a morte de cruz" (Filipenses 2: 8), ele afirmou pela primeira vez que Jesus era "na própria natureza Deus" (Filipenses 2: 6), mas não aproveitou Sua igualdade ontológica com Deus como uma licença para não submissão; Em vez disso, "ele se fez nada" ao "tomar a própria natureza de um servo" (Filipenses 2: 6-7). A obediência kenótica de Jesus é um esvaziamento auto-imposto. Sua obediência filial ao Pai acompanha a Sua intenção positiva de glorificar o Pai (João 10:29; 14:28). Além disso, a lógica de Sua obediência auto-humilhante é o Seu amor filial do Pai: "Eu amo o Pai e faço o que o meu Pai me ordenou" (João 14:31).

É fácil pregar a obediência da vida inteira de Jesus ao aludir a Sua relação consubstancial com o Pai. Isso, no entanto, levanta a questão: "Por que Jesus teve que obedecer se Ele era divino?" O conceito de "obediência divina" certamente é desconcertante. Além disso, o recurso direto à divindade de Jesus negligencia o fato igualmente importante de Sua humanidade. Sua obediência era a obediência do Deus-homem. Os insights fornecidos pela cristologia kenótica são úteis aqui. Embora Ele seja Deus, Ele não tirou vantagem disso em Sua vida terrena. Ele permaneceu Deus com todos os poderes divinos acessíveis a Ele, mas escolheu se esvaziar em obediência ao Pai e em serviço da humanidade.⁷ A proposta de Bruce McCormack de que a *kenosis* seja entendida como adição, em vez de subtração, é importante. Jesus não experimentou

⁶ Daniels, "“To Fulfill All Righteousness”: The Saving Merit of Christ’s Obedience,” *Puritan Reformed Journal* 5 (2013): 52.

⁷ Gordon D. Fee, *Paul’s Letters to the Philippians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1995), 210-11.

uma redução da divindade na encarnação. Em vez de privação de qualidades divinas, o Filho de Deus acrescentou a si mesmo natureza humana finita, juntamente com as fraquezas que ela traz. Ele assumiu nossas limitações. Ele se esvaziou, acrescentando a si mesmo as nossas fragilidades humanas.⁸

Humano Dependente do Espírito Santo

Sendo alguém que assumiu a finitude humana, como Jesus cumpriu sua vida-completa e obediente ao Pai? É aqui que a cristologia pneumática é útil. A fraqueza humana de Jesus é correspondida pela força do Espírito Santo. A obediência total e humilde ao Pai é através da sua absoluta dependência no Espírito Santo. Esta é a identidade trinitariana e missão-vida. Sua obediência ao Pai é impossível sem sua dependência no Espírito Santo e seu relacionamento de dependência com o Espírito Santo não faz sentido quando separado de sua obediência ao Pai.⁹ A relação de dependência de Jesus ao Espírito Santo, na essência, não é diferente de sua relação de obediência ao Pai. Na centralidade de ambos relacionamentos esta a *kenosis* de Jesus. Na relação com o Pai, Jesus esvaziou-se de sua vontade e glória; em relação ao Espírito, Ele se esvaziou de honra e poder. É preciso apontar, entretanto, que a *kenosis* de Jesus é a vontade de Deus porém realizada através do Espírito Santo. Porque Jesus era cheio do Espírito de humildade, Ele estava apto a esvaziar-se de glória e poder. O Espírito de humildade habilitou a humildade de Jesus. A identidade trinitariana de Jesus é sua identidade incomparável.

O recurso pneumatológico de Jesus aborda adequadamente a forma como Jesus cumpriu vida-completa de obediência. Isto não deve ser visto como uma surpresa, desde que Jesus é descrito como alguém “cheio do Espírito” (Lucas 4:1). Para Richard S. Taylor, estar “cheio” é

⁸ Bruce L. McCormack, “For Us and Our Salvation: Incarnation and Atonement in the Reformed Tradition,” *Studies in Reformed Theology and History* 1 (Spring 1993): 1-38.

⁹ Christoph Schwöbel, “Christology and Trinitarian Thought,” in *Trinitarian Theology Today: Essays on Divine Being and Act* (ed. C. Schwöbel; Edinburgh: T&T Clark, 1995), 141.

estar cheio de, completamente preenchido, e totalmente sob a influência de alguma coisa.

Usando o contraste de se embriagar com vinho e estar cheio do Espírito em Efésios 5:18, ele destaca que uma pessoa embriagada pelo vinho é totalmente influenciada pelo vinho. Suas funções vitais, como o simples ato de andar, esta influenciado pelo vinho, juntamente com o seu raciocínio, inibições, e emoções. A ação de uma pessoa, sua maneira de pensar, tomada de decisão, conduta e disposições são influenciadas pelo Espírito. A confiança de Jesus no Espírito é inseparado de estar cheio do Espírito.¹⁰ De fato, a vida inteira de Jesus é vivida no Espírito. Ele foi concebido pelo Espírito (Mateus 1:20; Lucas 1:35), batizado com o Espírito Santo (Mateus 3:16; Marcos 1:10), dirigido pelo Espírito (Mateus 4:1; Marcos 1:12; Lucas 4:1), ungido pelo Espírito para ministrar (Lucas 4:14, 18-19), e levantado da morte no poder do Espírito Santo (1 Pedro 3:18). Até a expulsão de demônios são no poder do Espírito (Mateus 12:28). Jesus é o *Christos*, cuja vida e ministério são permeados completamente através do Espírito.¹¹ Como alguém que se esvaziou-se das vantagens da divindade, Jesus teve que confiar não apenas na sua própria divindade e poder mas na divindade e poder do Espírito. O paradoxo da encarnação é profundo: Deus se tornou humano para confiar em Deus. Além disso, é necessário ser lembrado que a obediência de Jesus como filho esta esta fundada no amor (João 14:31; 15:10). Não é coincidência, portanto, que o fruto do Espírito é amor (Gálatas 5:22). Como *Christos*, Ele recebeu ambos dons e frutos do Espírito para cumprir sua missão terrestre.

Vida e Ministério de Jesus

“Cristo é capaz de ter um relacionamento com Deus, viver em obediência, e cumprir sua missão messiânica,” John R. Coulson escreve, “apenas porque ele tem o Espírito de Deus habitando e

¹⁰ Taylor, *Exploring Christian Holiness*, vol. 3, *The Theological Formulation* (Kansas City: Beacon Hill, 1985), 188-90.

¹¹ Leopoldo A. Sanchez, “A Life in the Spirit of Christ: Models of Sanctification as Sacramental Pneumatology,” *Logia* 22 (2013): 10.

capacitando ele”¹² O que segue aqui é uma narração teológica da história de Jesus enquanto destacando—desde que foi concebido até a ressurreição—o momento mais evidente de Sua obediência ao Pai e dependência no Espírito Santo.

A Palavra tornou-se carne

Nosso cruce-centrismo evangélico pode facilmente nos influenciar a ignorar a obediência do Filho na encarnação. Nossa ênfase soteriológica em João 3:16 facilmente negligencia o versículo seguinte que fala do envio do Filho pelo Pai "para o mundo" para cumprir Sua obra salvífica (João 3:17; 6:38; 8:42). O que é crucial aqui é que Jesus "entrou em nosso mundo" (João 16:28; 12:46) via encarnação. A encarnação, portanto, é o primeiro sinal da obediência do Filho ao Pai. Se, como argumenta Kathleen Anne McManus, a encarnação é a "vulnerabilidade absoluta do Filho—vulnerabilidade na carne,”¹³ então a encarnação já implica a obediência sacrificial de Jesus à vontade do Pai que o enviou. De estar com o Pai em glória "antes do início do mundo" (João 17:5; também 1:1), Jesus "vindo do Pai" (João 1:14). Ele é o obediente *apostolos* de Deus (Heb 3:1), o melhor *shaliach* hebraico,¹⁴ enviado pelo Pai para nascer na carne e habitar entre nós (João 1:14). Sua dependência do Espírito Santo na encarnação também é inegável. Jesus é concebido através do Espírito Santo (Mateus 1:18, Lucas 1:35). Ele era dependente do "Espírito da parafísica", cujo papel de criação é trazer e sustentar a existência física (Salmo 104: 10-14, 30).¹⁵ Embora Ele seja Deus e possa ter se tornado carne por Seu próprio poder, Ele escolheu

¹² Coulson, “Jesus and the Spirit in Paul’s Theology: The Earthly Jesus,” *Catholic Biblical Quarterly* 79 (2017): 95.

¹³ McManus, “Who Do You Say That I AM?” 141.

¹⁴ C. K. Barrett, “Shaliah and Apostle,” in *New Testament Studies in Honour of David Daube* (ed. E. Bammel, C. K. Barrett, and W. D. Davies; Oxford: Clarendon, 1978), 89-102.

¹⁵ Eugene F. Rogers, Jr., “The Spirit Rests on the Son Paraphysically,” in *The Lord and Giver of Life: Perspectives on Constructive Pneumatology* (ed. David H. Jensen; London: Westminster John Knox, 2008), 87-95.

submeter-se à benevolência do Espírito que dá a vida (Gênesis 2:7; Ez. 37:1-10). Jesus é o "Cristo pneumatizado" em seu nascimento.¹⁶

Batismo

A narrativa do batismo não apenas revela a identidade trinitária de Jesus; também insinua Sua obediência ao Pai. Como aquele que foi enviado para redimir o mundo, ele passou por um "batismo de arrependimento para o perdão dos pecados" (Marcos 1:4) "para cumprir toda a justiça" (Mateus 3:15). Ele veio cumprir a lei (Mateus 5:17) sob a necessidade do Pai.¹⁷ Sendo assim, "cumprir toda justiça" refere-se à obediência de Jesus à vontade do Pai ao instituir o método de perdão dos pecados revelado nas exigências da lei (veja Lev 17:11). No Seu batismo, Ele sacrificialmente pôs os pecados da humanidade sobre Seus ombros como nosso representante e substituto. Entre o cumprimento da profecia de Jesus "semente da mulher" (Gen 3:15) e a *proto-euangelion* (Gen 3:21) está o seu batismo vicário de arrependimento. Além disso, "nas águas do Jordão", Sanchez resume de forma sucinta, "o Filho obediente recebe o Espírito na carne para começar seu ministério como nosso Servo Sofredor (Mateus 3:17; Marcos 1:9-11; Lucas 3:21). Cristo, ao receber e sustentar o Espírito garante [a Sua] vida uma trajetória cruciforme, [e] coloca-o no caminho da cruz."¹⁸ Em suma, a descida do Espírito visível no batismo em água de Jesus aponta para o batismo de sangue que viria (Lucas 12:50). O cumprimento dos requisitos da lei exige a presença capacitadora do Espírito Santo.

Tentação

Os Evangelhos sinópticos parecem colocar ênfase significativa na vitória de Jesus sobre as tentações como evidência imediata de Sua confirmação messiânica (Mateus 4:1; Marcos 1:12;

¹⁶ Y. Congar, *The Word and the Spirit* (trans. D. Smith; London: Geoffrey Chapman, 1986), 101.

¹⁷ Y. Congar, *The Word and the Spirit* (trans. D. Smith; London: Geoffrey Chapman, 1986), 101.

¹⁸ Sanchez, "Life in the Spirit of Christ," 11.

Lucas 4:1). Lucas, afirmando que Jesus estava "cheio do Espírito" logo no início das tentações (Lucas 4: 1), fez a importante afirmação de que a unção do Espírito é a base da vitória de Jesus. Assim, quando o escritor de Hebreus afirmou a inexistência de pecado em Jesus (4:15), sua habilidade pneumática deve ser lembrada. Deve ser levado em consideração que o papel habilitador do Espírito na vitória de Jesus sobre as tentações não é explicitamente mencionado nos Evangelhos, mas as afirmações de Paulo sobre a vida no Espírito fornecem bases suficientes para deduzir o papel habilitador do Espírito na ação moral (Rom 8, 12-13; 1 Coríntios 10:13).¹⁹ Além disso, o Antigo Testamento está profundamente consciente da obediência pneumática-condicionada (Ez. 36:27, veja também Deut 30:11-14). Estar cheio do Espírito e obedecer aos decretos de Deus são inseparáveis. As narrativas da tentação, situadas no contexto de Sua unção messiânica, refletem a obediência messiânica de Jesus. As tentações do diabo foram dirigidas para fazer Jesus agir como o Filho privilegiado de Deus, não como um ser humano frágil que depende do Espírito Santo ("Se és o Filho de Deus, ..." Mateus 4:3, 6).

Ministério Intinerante

Lucas transitou sua narrativa da tentação de Jesus para o seu ministério galileu dizendo que "Jesus voltou para a Galiléia no poder do Espírito" (Lucas 4:14). Jesus é o profetizado servo unguido do Senhor, chamado para levantar o coração partido, pregar as boas novas, libertar e proclamar o reino de Deus na terra (Lucas 4:18-19, ver Isaías 61:1-2). Ele era dependente do escatológico Espírito da Verdade (Números 29:11) para ser mestre-profeta (Marcos 5:35; 9:5; 14:45; João 1:38; 3:2; 20:16). Ele era dependente do Espírito *Santo* para expulsar os espíritos malignos (Mt 12:28). Jesus era dependente do Espírito da criação, beleza e vida (Gênesis 1:2), afim de trazer cura para as pessoas (Atos 10:38). Além de Sua dependência pneumática, Jesus

¹⁹ Coulson, "Jesus and the Spirit in Paul's Theology," 86.

admitiu sem constrangimento que tudo o que Ele fazia era pela autoridade de Deus que foi dada à Ele (João 5:27, Mt 28:18). O ministério de Jesus é caracterizado por seu "ato de humilhação transcendente"²⁰ ao Espírito Santo em total dependência e ao Pai em obediência radical. Ele não fez nada por Ele mesmo, além do que o Pai disse e ordenou a Ele (João 4:34; 5:19, 27). Ele se apresentou como o servo obediente do Senhor, cuja vida inteira se caracterizou por "dependência autoconsciente e prazer na vontade de Deus" (Sl 40, 8).²¹ Seu ministério itinerante revela Sua consagração como Servo Sofredor - Filho enviado pelo Pai em uma missão.²²

Crucificação

A obediência de Jesus de Sua circuncisão em submissão à Lei (Lucas 2:21) para "o sangue de sua circuncisão para o sangue de sua cruz", escreve John Owen, "foi atendido com sofrimento".²³ O destino lógico da vida encarnada de Jesus de vulnerabilidade obediente é a cruz. As narrativas de encarnação, circuncisão e batismo antecipam a crucificação. De fato, sua obediência missionária ao Pai encontra sua manifestação vívida precisamente no Calvário (Filipenses 2:8). Como o obediente *ben-ayith*, "filho da casa", ele foi enviado para sofrer e morrer nas mãos das pessoas que Ele procurou servir (veja a parábola dos lavradores, Mateus 21:33-39). Ele sabia que Ele estava sob a necessidade de cumprir a vontade do Pai conhecida nas demandas sangrentas da Lei (Gênesis 3:21; Lev 17:11; Heb 9:22). Isso não significa que a obediência de Jesus à morte fosse determinista ou mecânica. Sua obediência era voluntária. O drama gravado no Jardim de Getsêmani retrata a luta genuína de Jesus pela total obediência (Mateus 26:36-44; Marcos 14:32-36; Lucas 22:39-44). Que Ele negociou com o Pai revela a tensão entre obediência e potencial não-conformidade, ou entre obrigação e vontade. A obediência de Jesus não era automática. Ele

²⁰ Torrance, *Incarnation*, 75.

²¹ Daniels, "To Fulfill All Righteousness," 54.

²² Torrance, *Incarnation*, 69.

²³ Torrance, *Incarnation*, 69.

escolheu obedecer. A morte dele na cruz era algo que Ele queria (João 10:28), que brota do Seu amor filial perfeito do Pai e Sua submissão inquestionável ao juízo justo do Pai.²⁴ Jesus cedeu à lógica da graça que o Pai instituiu, isto é, a necessidade do derramamento de sangue por causa do perdão (Lev 17:11; Heb 9:22). Jesus se submete não só à exigência de um sacrifício, mas também à justa necessidade do castigo do pecado. Jesus se rende à vontade do Pai de que o salário do pecado é a morte (Romanos 6:23), não se queixando de que é Ele quem deve sofrer e morrer como resgate de muitos (Lucas 9:22; Marcos 10:45).

Jonathan W. Rusnak argumenta que Jesus recebeu o Espírito precisamente pela cruz.²⁵ A vida de Jesus no Espírito é cruciforme, então a cruz é o ponto natural de convergência das dimensões neumáticas do evento de Cristo.²⁶ Como Rusnak escreve: "Enquanto há ocorrências de Jesus sustentado pelo Espírito que podem ser citados ao longo das narrativas do Evangelho, é preeminentemente na cruz em que Jesus, cheio do Espírito, é o Filho obediente do Pai, o Servo Sofrendor pelo bem do mundo, e o Senhor vitorioso sobre Satanás e todos os inimigos de Deus."²⁷ O mistério pascal deve encontrar seu próprio lugar na cristologia pneumática. Esta é uma importante retificação. Admitamos ou não, nossa doutrina da cruz é refém de uma Cristologia de adoção. Isso é mais evidente nos chamados modelos históricos de expiação, que são visivelmente desprovidos de características pneumatológicas robustas. Crucial aqui é o fato de que Jesus é *Christos* em Sua vida e morte. Enquanto os Evangelhos enfatizam a vida de Jesus

²⁴ Torrance, *Incarnation*, 80. Leroy Andrew Huizenga sees the parallel between the Isaac of the *Aqedah* and the obedient Yes of Jesus to the cross, in "Obedience Unto Death: The Matthean Gethsemane and Arrest Sequence and the *Aqedah*," *The Catholic Biblical Quarterly* 71 (2009): 507-26.

²⁵ Rusnak, "Shaped by the Spirit," *Logia* 24 (2015): 17.

²⁶ Leopoldo A. Sanchez, "Receiver, Bearer, and Giver of God's Spirit: Jesus' Life and Mission in the Spirit as the Ground for Understanding Christology, Trinity and Proclamation," (PhD diss., Concordia Seminary, St. Louis, 2003), 79.

²⁷ Rusnak, "Shaped by the Spirit," 17.

o *Christos*, as epístolas paulinas enfatizam a morte de Jesus *Christos*. A teologia crucicêntrica de Paulo e sua designação favorita de Jesus, o Ungido, são inseparáveis (Romanos 1:4, 6-8; 3:24; 5:1, 6, 8; 6:23; 9:5; 15:3, 7, 19).²⁸ O escritor de Hebreus é ainda mais explícito que é "através do Espírito eterno" que Jesus "se ofereceu sem culpa a Deus" na cruz (Hebreus 9:14).

Ressurreição

É também Paulo que afirma que Jesus ressuscitou dentre os mortos no poder do Espírito Santo (Romanos 6:4; 8:11; 1 Cor 6:14; 2 Cor 13:4; 1 Tim 3:16). Isto era de se esperar. Primeiro, como judeu, Paulo compartilhou a predominante expectativa judaica em relação ao Espírito como agente da ressurreição (Eze. 37:1-14, Rom 8:11; 1 Cor 15:12-34). Além disso, a misteriosa obra de vida do Espírito no nascimento de uma virgem conduz naturalmente a uma antecipação da ressurreição. No Espírito, Jesus nasceu do ventre virgem e do túmulo virgem. Jesus, que se esvaziou de privilégios divinos, é dependente do poder de Deus em Sua vida, morte e ressurreição (Atos 2:32; 1 Pedro 3:18). É à luz disso que Romanos 1:4 também deve ser entendido. Dunn vê Romanos 1:4 como uma evidência de uma cristologia adotiva de dois estágios, mas deve ser melhor lida à luz da obediência do Filho.²⁹ A filiação de Jesus— foi afirmada na voz do Pai quando Jesus obedientemente aceitou Sua missão de ser batizado em água e sangue sob o poder do Espírito Santo — é reafirmado pelo Pai imediatamente depois que Jesus cumpriu Seu batismo de sangue. O Pai ficou satisfeito com a obediência vicária de Jesus mesmo até a morte. A ressurreição, portanto, é o sinal tangível da aceitação do Pai do sacrifício de Jesus e do "Sim" final ao perdão e à vida.

²⁸ Coulson, "Jesus and the Spirit in Paul's Theology," 81-82.

²⁹ Dunn, *The Christ and the Spirit*, vol. 1, *Christology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), 142-3.

Conclusões

A identidade, a vida e o ministério de Jesus são todos caracterizados por suas relações com o Pai e o Espírito Santo. "A história de Jesus", Schwöbel resume sucintamente, é "a história de uma vida constituída e conduzida pelo Espírito, que é obediente a Deus Pai até a morte no Calvário e à ressurreição no terceiro dia."³⁰ As Escrituras sempre apresentam Jesus como o Cristo-Filho. Esta é a identidade trinitária-relacional de Jesus. A comunhão primordial que o Deus Triuno é, se recusa a apresentar um Jesus Cristo individualizado nos Evangelhos. Da mesma forma que o Pai, não é o Pai separado do Filho unigênito, e do Espírito Santo devido o vínculo do amor,³¹ e que o Espírito Santo, não é o Espírito Santo separado do Pai e do Filho os quais ambos enviaram, o Filho, não é o Filho separado do Pai que gera, e do Espírito que respira a vida.³²

A identidade revelada de Jesus tem implicações radicais para nossas vidas cristãs, mas eu gostaria de deixar uma tarefa de seguimento para os respondentes. É suficiente, como um comentário rudimentar, que nossa compreensão da semelhança de Cristo precisa ser fiel à identidade trinitária de Jesus Cristo. Questões que exigem reflexões mais profundas incluem: O que a imitação de Cristo significa em relação ao desafio de Jesus em que devemos nascer do Espírito (João 3:5-7)? O que significa ser cheio do Espírito (Ef 5:18) e viver no Espírito (Rom 8:1-17, Gal 5:16-18, 25)? O que imitar a Cristo significa em relação ao fato de nós, como Jesus, chamarmos Deus de nosso "Abba" (João 1:12; Rom 8:14-16; 1 João 3:10; 5:2)? Existe uma diferença qualitativa entre nós e Jesus Cristo que nos proíbe obedecer ao Pai e depender do Espírito Santo? O que significa ser um filho obediente do Pai e depender do Espírito Santo como

³⁰ Schwöbel, "Christology and Trinitarian Thought," 140-1.

³¹ David Coffey, "The Holy Spirit as the Mutual Love of the Father and the Son," *Theological Studies* 51 (1990): 193-229.

³² Contrary to Arianism, the Nicene-Constantinopolitan Creed says that Jesus is "eternally begotten" of the Father.

humano hoje? As respostas a estas questões são extremamente úteis na formação espiritual cristã, especialmente para nós na tradição de santidade-Wesleyana.

Eu finalizo meus pensamentos aqui para convidar reflexões dos outros.